

# Vivências compartilhadas: a experiência de uma pesquisadora no I Encontro dos Quilombos no Amapá

Célia Souza da Costa<sup>1</sup>

## Resumo

Vivenciar o I Encontro dos Quilombos realizado no quilombo Rosa pertencente ao município de Macapá foi um momento histórico, afetivo, de imersão vivencial na prática das minhas escritas na teoria. O evento foi realizado nos dias 07, 08 e 09 de novembro de 2024. Foi uma experiência de conexão ancestral em que pude representar o grupo de pesquisa Pesquisa Centro de Pesquisa sobre Cerâmica do Maruanum, Mulherismos, Decolonialidade e Relações Étnico-Raciais (CEMADERE) e Grupo de Pesquisa De(s)colonizando mentes femininas em territórios Afrodiaspóricos: construção coletiva de nova metodologia do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC). O I Encontro dos Quilombos teve como tema Amapá Quilombola: desenvolvimento, ancestralidade, culturalidade, equidade e direitos. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa exploratória descritiva do tipo observação participante. Os resultados desta pesquisa foi compor o Grupo de Trabalho juntamente com os representantes das comunidades quilombolas e Fundação Marabaixo para que o Programa Amapá Afro e Projeto Amapá Quilombola sejam efetivados.

Palavras-Chave: Amapá; Quilombos; Programa Amapá Afro; Projeto Amapá Quilombola.

## 1. Introdução

O I Encontro dos Quilombos foi um marco para o povo negro quilombola do Estado do Amapá. A Fundação Marabaixo direcionada pela Presidenta Josilana Santos que é pertencente a comunidade quilombola de Santa Luzia do Maruanum fez história ao organizar este evento tão importante para a condução de políticas públicas destinadas às comunidades quilombolas. O evento foi realizado pela Fundação Marabaixo do Governo do Estado do Amapá, que tem como diretora-presidenta Josiane Santos e contou com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e da deputada estadual Dayse Marques.

Eu e o professor Alexandre Silva participamos dos dois dias de debates do I Encontro dos Quilombos que teve como tema “Amapá Quilombola: desenvolvimento, ancestralidade, culturalidade, equidade e direitos”. Fomos representar o Instituto Federal do Amapá por meio do Grupo de Pesquisa Centro de Pesquisa sobre Cerâmica do Maruanum, Mulherismos, Decolonialidade e Relações Étnico-Raciais (CEMADERE). Vale destacar o cartaz de divulgação do Encontro dos Quilombos que foi criado pelo jornalista Cláudio Rogério e teve como figura representação Dona Geralda Menezes do quilombo do Rosa.

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade do Paraná (PUCPR); Instituto Federal do Amapá; Santana, Amapá- Brasil; e-mail [celia.costa@ifap.edu.br](mailto:celia.costa@ifap.edu.br)

**Imagem 01** - Cartaz do I Encontro dos Tambores.



Fonte: Cláudio Rogério, Fundação Marabaixo/ GEA, 2024.

É fundamental registrar a importância da Dona Geralda Menezes como uma mulher da resistência. “[...] Dona Geralda, uma líder local que se tornou símbolo da luta pelo direito ao território no Quilombo do Rosa. Alguns anos atrás, ela se opôs com bravura à tentativa da empresa ICOMI<sup>2</sup> de despejar rejeitos de manganês com arsênio no solo quilombola [...] (Cláudio Rogério, 2024).

Este gesto de bravura e consciência comunitária fez Dona Geralda Menezes ser homenageada no cartaz do I Encontro dos Quilombos. Segundo o jornalista Cláudio Rogério (2014), “Durante o mês de novembro de 2002, quando os moradores celebravam o tradicional Encontro dos Tambores, Dona Geralda se deparou com caminhões carregados de rejeitos minerais, prontos para despejar os resíduos em escavações feitas na mata”. Como defensora da comunidade do quilombo do Rosa, “Em um ato histórico, ela se lançou em um dos buracos e declarou que não sairia dali, impedindo a operação” (Cláudio Rogério, 2024).

<sup>2</sup> A Icomi era uma empresa privada brasileira, criada em 8 de maio de 1942, em Belo Horizonte. Logo após ter recebido o direito de explorar a mina amapaense, a empresa planejou adquirir uma sócia estrangeira para o estudo do depósito. Mesmo enfrentando diversas críticas, em 1948, quando a Icomi iniciou as pesquisas em Serra do Navio, uma empresa norte-americana participou conjuntamente da prospecção, do financiamento, da produção, da gerência e das vendas do minério, a Bethlehem Steel Corporation (Passos, 2017).

É por isso, que Dona Geralda Menezes recebeu essa justa homenagem como a representação da resistência do povo quilombola. Ela foi corajosa e defendeu o seu território. “Hoje, Dona Geralda é uma figura inspiradora para movimentos sociais e ambientais na Amazônia, e sua história reafirma a importância da luta quilombola pela preservação de seu território e pela integridade dos ecossistemas” (Cláudio Rogério, 2024).

A programação do I Encontro dos Quilombos iniciou no dia 07 de novembro de 2024, com a chegada e acolhida de 40 comunidades quilombolas que foram recebidas no quilombo do Rosa, localizado no km 24 da BR 156. A comunidade faz parte do município de Macapá e possui uma vila de casas populares, onde os participantes das demais comunidades ficaram alojados durante três dias.

Além do Grupo de Pesquisa Centro de Pesquisa sobre Cerâmica do Maruanum, Mulherismos, Decolonialidade e Relações Étnico-Raciais (CEMADERE) como pesquisadora representei também Grupo de Pesquisa De(s)colonizando mentes femininas em territórios Afrodiaspóricos: Construção coletiva de nova metodologia do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC). Fui acompanhada pelo professor Alexandre Silva que doutor em Educação, historiador, docente do Instituto Federal do Amapá e militante dos movimentos sociais. Como mulher preta, me identifico como afroindígena e reconheço a cultura africana na minha ancestralidade. Sou dançadeira de Marabaixo<sup>3</sup>, tocadora de caixa de Marabaixo, professora, pesquisadora, palestrante, militante dos movimentos sociais e neta de rezador de ladainha.

---

<sup>3</sup> A dança do Marabaixo é uma manifestação cultural de influência africana, patrimônio cultural do estado do Amapá. Os cantos, ou melhor, os ‘ladrões de Marabaixo’ são versos improvisados que no primeiro momento relembavam a saga dos navios negreiros na travessia do Oceano Atlântico. Os passos de Marabaixo são compassados e representam os negros escravizados arrastando as correntes e bolas de ferro como forma de simbolizar o sofrimento, a dor e o desalento da escravidão. No segundo momento, os ‘ladrões de Marabaixo’ retratam o cotidiano das comunidades afro e quilombolas do Amapá, onde se realizam as festas tradicionais, se dança, se bebe gengibirra e se saboreia o cozidão. Os ladrões de Marabaixo são formas de registro de história oral de acontecimentos do dia a dia, como por exemplo, o ladrão: “Aonde tu vais rapaz por esse caminho sozinho, vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho”, retrata o remanejamento dos negros do centro de Macapá para o Laguinho na década de 1940, pois no centro foram construídas as residências do secretariado do então governador Janary Gentil Nunes (Costa, 2019).

**Imagem 02** - Entrada do I Encontro dos Quilombos com a presença de Célia Costa e Alexandre Silva.



Fonte: Célia Costa, 2024.

Como pesquisadora atuante na causa quilombola e nas relações étnico-raciais, vejo que a nossa presença na imersão que foi o I Encontro dos Quilombos no Amapá. A metodologia utilizada por este artigo é uma pesquisa qualitativa exploratória descritiva do tipo observação participante. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.188) estudos exploratórios têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno. A observação participante, consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste” (Marconi e Lakatos, 2003, p.194).

O artigo foi dividido em quatro partes: introdução; Vivências do primeiro dia do I Encontro dos Quilombos; Vivências do segundo dia do I Encontro dos Quilombos e conclusões. Todos esses subcapítulos descrevem como foi a imersão durante o I Encontro dos Quilombos no quilombo do Rosa. É a minha contribuição para compartilhar essas vivências neste evento que teve como tema Amapá Quilombola: desenvolvimento, ancestralidade, culturalidade, equidade e direitos.

## **2. Vivências do primeiro dia do I Encontro dos Quilombos.**

A programação do dia 08 de novembro de 2024 iniciou com um café ancestral. Depois houve a abertura oficial e o lançamento do Projeto Amapá Quilombola com a entrega do Título do Quilombo do Rosa e concessão do Selo “Quilombos Brasil” para os quilombos do Curiaú,

Mel da Pedreira, Conceição do Macacoari, São Raimundo do Pirativa e Rosa. Também houve a participação do Ministério de louvor Asafes do Reio do quilombo de Mel da Pedreira que entoou o hino nacional e o hino do Amapá. Em seguida foi a vez dos painéis temáticos de construção de política afirmativa para quilombos que teve como mediadora Joelma Menezes do quilombo do Rosa.

### **Imagem 03 - I Encontro dos Quilombos**



Fonte: Gabriel Penha, Fundação Marabaixo/ Gea, 2024.

Nesta mesa 01, as temáticas foram: “Quilombolas do Amapá: a luta por efetivação de direitos frente ao atual cenário político no Brasil” com a expositora Josilana Santos (diretora-presidenta da Fundação Marabaixo); “Direitos territoriais quilombolas: legalidade, coletividade e saberes que devemos proteger” com o expositor Edmilton Cerqueira do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e; "Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas" com a expositora Nubia Cristina Nascimento. A mediação ficou na responsabilidade de Joelma Menezes.

**Imagem 04 - Josilana Santos, diretora-presidenta da Fundação Marabaixo.**



Fonte: Maksuel Martins/ Gea, 2024.

Depois da exposição da mesa, os representantes das comunidades quilombolas participaram por meio de reivindicações das comunidades. Na ocasião, também falou Iracilda Silva Santos, representante da Fundação Palmares; Sidney do quilombo de São Raimundo do Pirativa; José Pelaes do quilombo Igarapé do Lago, Ibraim do quilombo Aporema, Raimunda do quilombo Abacate da Pedreira, Van Vilhena representante do MDA (AP) e Anastácio do quilombo do Igarapé do Lago do Maracá.

Na mesa 02 a discussão foi sobre a temática “Ocupação, produção e resistência: terras quilombolas e o lento caminho das titulações principais desafios que os territórios quilombolas enfrentam” e contou com os expositores Sebastião da Silva (Sabá) do quilombo do Curiaú; Creuza Miranda do quilombo do Curiaú; Jacob do quilombo do Mel da Pedreira e teve como mediadora Bruna Picanço do quilombo Conceição do Macacoari. Em seguida, os representantes das comunidades quilombolas participaram das discussões como Augusto do quilombo de Santa Luzia do Maruanum que falou da necessidade da criação de um portal intitulado "Direto do quilombo” e Anastácio do quilombo do Igarapé do Lago do Maracá.

**Imagem 05** - Representante comunitário quilombola Anastácio Trindade.



Fonte: Gabriel Penha, Fundação Marabaixo/Gea, 2024.

Na mesa 03 intitulada “A produção e o desenvolvimento a partir de práticas ancestrais frente às novas tecnologias nos quilombos do Amapá”. A palestrante foi Rejane Soares que falou sobre Afroempreendedorismo: mulheres quilombolas transformando realidades através de negócios e a mediadora foi Eloane Camile Passos. Rejane Soares compartilhou a sua trajetória enquanto mulher preta na formação como estilista e como conseguiu consolidar por 11 anos a marca Zwanga e ser reconhecida dentre as 50 pessoas multiplicadoras da criatividade no Brasil, segundo a Revista WIRED que tem como foco a inovação. Rejane Soares é uma agente de políticas públicas para mulheres negras e periféricas de Macapá. Por meio de uma parceria com a Fundação Marabaixo e Zwanga foi lançado em 2023, o Projeto Afro Mulher que oferece às mulheres negras que habitam nas áreas periféricas cursos de capacitação profissional, como corte e costura; biojóias; serigrafia afro; maquiagem; técnicas de tranças.

**Imagem 06 - Rejane Soares e Eloane Camile Passos**



Fonte: Arquivo pessoal de Rejane Soares, 2024.

A última mesa do dia 08 de novembro foi Afroturismo como vetor de desenvolvimento econômico e social que teve como expositoras Solange Barbosa (turismóloga); Valéria Mauriem (Secretaria do Turismo- SETUR) e Syntia Lamarão (Secretária da SETUR). Solange Barbosa compartilhou como foi a implantação do Projeto Afroturismo no quilombo em Ubatuba em São Paulo.

Valéria Mauriem e Syntia Lamarão falaram sobre a necessidade de capacitação da população dos quilombos e de estudos de viabilidade para a implantação do projeto afroturismo nas comunidades. Diante da experiência do afroturismo do quilombo em Ubatuba uma das maiores dificuldades para a implantação é que as comunidades dominem todo o processo turístico. Syntia Lamarão ressaltou que o afroturismo é uma ação prevista no Programa Amapá Quilombola. Como docente, pesquisadora e representante do grupo de pesquisa resaltei o interesse do Instituto Federal do Amapá em contribuir com a formação destes agentes turísticos e apontei a necessidade da assinatura de um termo de cooperação técnica com a Fundação Marabaixo para que possamos auxiliar efetivamente. A programação da noite continuou com o sarau Noite preta e imersão cultural com a apresentação de artistas amapaenses.

**3. Vivências do segundo dia do I Encontro dos Quilombos.**

No dia 09 de novembro de 2024 houve o café ancestral coletivo e depois a composição da mesa 05 com a temática “Identidade, memória e pertencimento como instrumento de luta e resistência” com as expositoras Isis Tatiane, representante do Associação de Mulheres Mãe Venina do Curiaú; e Rivanda Lino, do Instituto de Mulheres Negras do Amapá (IMENA) e contou com a mediação de Ana Rita Picanço. Isis Tatiane ressaltou a importância do Sankofa para a luta, sempre estar com os pés no passado para olhar para o futuro e afirmou que o quilombo é um espaço de bem-viver, que o aquilombamento acontece quando um cuida do outro no quilombo. Na abertura das perguntas, os representantes dos quilombos participaram e o professor Alexandre Silva perguntou qual o termo adequado negro ou preto? A mesa assegurou que os dois termos são utilizados pela população quilombola.

**Imagem 07** - Ísis Tatiane, Ana Rita Picanço e Rivanda Lino na mesa 05



Fonte: Gabriel Penha, Fundação Marabaixo/Gea, 2024.

Na Mesa 06 “Quilombos no Amapá e as mudanças climáticas: extremos mais ‘extremos’ no clima presente da Amazônia e os seus impactos participaram os expositores Marcelo Corrêa do quilombo São Pedro dos Bois; Yuri Silva do Instituto Mappingari e teve como mediadora Joaquina Lino. A mediadora registrou que o quilombo é lugar de resistência do povo negro, pois o modo de vida do povo quilombola é aprovado pela Organização da Nações Unidas (ONU). Onde todos os conhecimentos ancestrais contemplam o cuidado com o meio ambiente.

Marcelo Corrêa informou que as mudanças climáticas já causaram impactos na produtividade na farinha na comunidade São Pedro dos Bois, que antes produzia 25 toneladas e hoje produz apenas 10 toneladas. Ele ressaltou ainda que a agricultura familiar contribui com o clima e que os quilombos têm a capacidade de produzir alimentos, mas necessitam de fomento e de políticas públicas.

Yuri Silva do Instituto Mapinguari explicou que as mudanças climáticas impactam diretamente as comunidades quilombolas, indígenas e do campo, pois todos os ciclos produtivos sofrem alterações irreversíveis. Por outro lado, Yuri Silva sugeriu que as comunidades utilizem tecnologias agroflorestais como o aceleração da regeneração florestal como uma forma de conviver com as mudanças climáticas. Os representantes das comunidades quilombolas também participaram com perguntas e intervenções e inclusive houve o comentário que um dos comunitários do quilombo Conceição do Maracá foi chamado pela justiça para dar esclarecimentos devido a um vídeo em que ele participou falando sobre o desmatamento realizado por uma madeireira.

A mesa 07 teve como temática “Equidade nas políticas públicas de forma transversal, interseccional e intersetorial com ações afirmativas” e contou com os expositores Disney Furtado e Danniela Ramos, ambos da Fundação Marabaixo que falaram sobre o Programa Amapá Afro em construção na política afirmativa do Amapá; e com o Dr. José Maria da Silva da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) que palestrou sobre A transversalidade sistêmica das políticas públicas para as comunidades quilombolas do Estado do Amapá e com a mediação da advogada Jane Selma.

Disney Furtado explicou que o Programa Amapá Afro é uma lei aprovada em 2010 (Lei n.º 1.519, de 25 de novembro de 2010), mas que não foi efetivada devido ao racismo institucional, pois não houve vontade política para que o programa atingisse a sua finalidade que é efetivar políticas públicas direcionadas a população negra, afrodescendente e quilombola visando o bem-estar e a consolidação dos direitos dessas populações.

Dr. José Maria da Silva da UNIFAP é antropólogo, pesquisador e na sua fala frisou sobre a importância da transversalidade sistêmica das políticas públicas para as comunidades quilombolas do Amapá. Dr. José Maria lembrou que foi organizado um seminário em novembro de 1996 intitulado O negro no Amapá: territorialidade, cultura e identidade e desde lá os movimentos negros vem construindo pressões ao poder público para a efetivação de direitos. Ele ressaltou que é importante que as políticas públicas acolham marcadores de identidade e marcadores de sociabilidades para assim se transformarem em políticas públicas sistêmicas.

**Imagem 08** - Dr. José Maria da Silva, Dr. Alexandre Silva, Admilton Cerqueira, Danniela Ramos e Dra. Célia Costa.



Fonte: Gabriel Penha, Fundação Marabaixo/Gea, 2024.

A mesa 08 teve como temática "Projeto Amapá Quilombola: desenvolvimento socioambiental das comunidades quilombolas do Amapá" teve como expositoras Josiane Santos (diretora-presidenta da Fundação Marabaixo); Mariele Moraes da comunidade de Nossa Senhora do Desterro Dois irmãos e como mediadora Jane Selma Almeida. Na fala Josilana Santos destacou que o Projeto Amapá quilombola pretende se tornar uma ação de governo que integre todas as políticas públicas já existentes. Pois, o Projeto Amapá Quilombola é um recorte do Programa Amapá Afro e exige comprometimento político das lideranças quilombolas rumo ao aquilombamento político para que as políticas públicas ocorram de uma forma sistêmica.

Com a finalização das mesas temáticas e painéis foi aberta a Plenária final com as propostas e prioridades de cada comunidade quilombola. Cada representante da comunidade quilombola precisava fazer uma inscrição para que a relatoria registrasse as demandas. Também na plenária final foi eleito o Grupo de Trabalho que percorrerá os 40 territórios quilombos para receber os projetos dessas comunidades e para que esses projetos sejam executados. Conseguimos duas vagas no Grupo de Trabalho do Programa Amapá Afro e Projeto Amapá Quilombola como representante do Grupo de Pesquisa Centro de Pesquisa sobre Cerâmica do Maruanum, Mulherismos, Decolonialidade e Relações Étnico-Raciais (CEMADERE).

**Imagem 09** - Grupo de Trabalho eleito no I Encontro dos Quilombos.



Fonte: Gabriel Penha, Fundação Marabaixo/Gea, 2024.

**Imagem 10** - Participantes do I Encontro dos Quilombos.



Fonte: Gabriel Penha, Fundação Marabaixo/Gea, 2024.

O I Encontro dos Quilombos representou um momento histórico para as 40 comunidades quilombolas participantes do Estado do Amapá. Foi um espaço democrático, de vivências, culturalidade, ancestralidade e afetividades. Acompanhar este evento no quilombo do Rosa que recebeu o título definitivo como território quilombola foi fundamental para esperarmos e acreditarmos que as políticas públicas renegadas aos povos quilombolas serão possíveis de serem realizadas pelo Projeto Amapá Quilombola e Programa Amapá Afro.

#### 4. Conclusões

Emocionada escrevo as considerações finais deste momento que foi o I Encontro dos Quilombos. Para marcar esta produção científica decidi finalizar a escrita no dia 20 de novembro de 2024, o dia da Consciência Negra. Dia de rememorar as nossas conquistas, as lutas dos nossos antepassados que hoje refletem a nossa ancestralidade. A luta está em nosso sangue ancestral. Acredito que o I Encontro dos Quilombos foi o primeiro passo para que o grupo de trabalho juntamente com as comunidades quilombolas façam do Projeto Amapá Quilombola e Programa Amapá Afro uma política pública de Estado.

**Imagem 11** - Meu momento de fala no I Encontro dos Quilombos.



Fonte: Gabriel Penha, Fundação Marabaixo/Gea, 2024.

Enquanto pesquisadora, militante dos movimentos sociais e Marabaixeira<sup>4</sup> participei ativamente juntamente com o professor Alexandre Silva. Como liderança do grupo de pesquisa Grupo de Pesquisa Centro de Pesquisa sobre Cerâmica do Maruanum, Mulherismos, Decolonialidade e Relações Étnico-Raciais (CEMADERE) ligado ao Instituto Federal do Amapá deixei a disposição da Fundação Marabaixo e das comunidades quilombolas todas as nossas produções científicas para que possam auxiliar na concretização das políticas públicas sistêmicas, especialmente com as nossas produções nas áreas da educação, cultura, direito, arqueologia, dentre outras, pois temos um grupo interdisciplinar que já produziu dissertações, teses, capítulos de livros, livros, dentre outros. Inclusive, o livro que produzi intitulado “*O empoderamento do Movimento Negro na atualidade: avanços e tensões na educação*”

<sup>4</sup> Quem pratica o Marabaixo.

*brasileira*” está a disposição para que seja utilizado como material didático nas escolas quilombolas em cumprimento da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira.

**Imagem 12** - Lideranças dos quilombos do Maruanum com Alexandre Silva e Célia Costa.



Fonte: Gabriel Penha, Fundação Marabaixo/Gea, 2024.

Acredito que enquanto centro de pesquisa somos agentes de promoção de políticas públicas e precisamos colaborar com as comunidades quilombolas e agir como pesquisadoras e pesquisadores agentes de correlações de forças. Como representante do grupo ligado ao IFAP e em nome do reitor Dr. Romaro Silva, em plenária final propus as nossas pesquisas sejam utilizadas pelo Grupo de Trabalho e que seja firmado entre o IFAP e a Fundação Marabaixo um Termo de Cooperação Técnica para que possamos de forma assertiva colaborarmos com o Projeto Amapá Quilombola, Programa Amapá Afro e demais atividades da Fundação Marabaixo. Aproveito também para agradecer todo o acolhimento da diretora-presidenta da Fundação Marabaixo, Josilana Santos, dos nossos companheiros dos quilombos do Maruanum e pela cessão das fotos produzidas pelo jornalista, Gabriel Penha, Maksuel Martins e Rejane Soares.

## Referências

CLÁUDIO ROGÉRIO. *Quilombo do Rosa recebe a 1ª edição do Encontro dos Quilombos do Amapá*. 2024. Disponível em: <https://alynekaiser.com.br/quilombo-do-rosa-recebe-a-1a-edicao-do-encontro-dos-quilombos-do-amapa/> Acesso em: 20 nov.2024.

COSTA, C.S da. *A ancestralidade na dança do Marabaixo*. 2019. Disponível em: [https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13706\\_A+ANCESTRALIDADE+NA+DANCA+DO+MARABAIXO](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/13706_A+ANCESTRALIDADE+NA+DANCA+DO+MARABAIXO) Acesso em: 20 nov.2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

PASSOS, D.S. A Icomi e a exploração mineral no Território Federal do Amapá. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA, 2017, Niterói. *Anais 13 Conferência Internacional de História de Empresas*. Niterói: ABPHE, 2017.

PENHA, G. 'Estamos sendo vistos e ouvidos', diz líder comunitário no 1º Encontro dos Quilombos do Amapá do Governo do Estado. Disponível em: <https://agenciaamapa.com.br/noticia/25743/estamos-sendo-vistos-e-ouvidos-diz-lider-comunitario-no-1-encontro-dos-quilombos-do-amapa-do-governo-do-estado> Acesso em: 20 nov.2024.

TAVARES, W.; MARTINS, M. 'Estamos sendo ouvidos no nosso território, sem precisar ir à cidade', conta presidente da comunidade que recebe o 1º Encontro dos Quilombos do Amapá. Disponível em <https://agenciaamapa.com.br/noticia/25699/estamos-sendo-ouvidos-no-nosso-territorio-sem-precisar-ir-a-cidade-Conta-presidente-da-comunidade-que-recebe-o-1-encontro-dos-quilombos-do-amapa> Acesso em: 20 nov.2024.

## Experiencias compartidas: la experiencia de un investigador en el I Encuentro de Quilombos en Amapá

### Resumen

Vivir el I Encuentro de Quilombos realizado en el quilombo Rosa perteneciente al municipio de Macapá fue un momento histórico, afectivo, de inmersión vivencial en la práctica de mis escritos teóricos. El evento se realizó los días 7, 8 y 9 de noviembre de 2024. Fue una experiencia de conexión ancestral en la que pude representar al grupo de investigación Pesquisa Centro de Pesquisa sobre Cerâmica do Maruanum, Mulherismos, Decolonialidade y Relaciones Étnico-Raciales (CEMADERE) y Grupo de Investigación Descolonizando mentes femeninas en territorios afrodiáspóricos: construcción colectiva de una nueva metodología desde el Centro Latinoamericano de Estudios Culturales (CLAEAC). El tema del I Encuentro de Quilombos fue Amapá Quilombola: desarrollo, ascendencia, culturalidad, equidad y derechos. La metodología utilizada fue la investigación descriptiva exploratoria cualitativa del tipo observación participante. Los resultados de esta investigación fueron conformar el Grupo de Trabajo junto con representantes de las comunidades quilombolas y la Fundación Marabottom para que el Programa Amapá Afro y el Proyecto Amapá Quilombola sean implementados.

Palabras claves: Amapá; Quilombos; Programa Afro Amapá; Proyecto Quilombola Amapá.

## Expériences partagées: l'expérience d'un chercheur à la I Rencontre des Quilombos à Amapá

### Résumé



Vivre la 1ère Rencontre des Quilombos tenue dans la Rosa quilombo appartenant à la municipalité de Macapá a été un moment historique et affectif d'immersion expérientielle dans la pratique de mes écrits théoriques. L'événement a eu lieu les 7, 8 et 9 novembre 2024. Ce fut une expérience de connexion ancestrale dans laquelle j'ai pu représenter le groupe de recherche Centre du Recherche sur Céramique du Maruanum, féminismes, Decolonialidade et Relations ethnico- raciales (CEMADERE) et Groupe de recherche Dé(s)coloniser les esprits féminins dans les territoires afro diasporiques: construction collective d'une nouvelle méthodologie du Centre latino-américain d'études culturelles (CLAEC). Le thème de la 1ère Rencontre des Quilombos était Amapá Quilombola : développement, ascendance, culturalité, équité et droits. La méthodologie utilisée était une recherche qualitative exploratoire descriptive de type observation participante. Les résultats de cette recherche devaient composer le groupe de travail avec des représentants des communautés quilombola et de la Fondation Marabottom afin que le programme Amapá Afro et le projet Amapá Quilombola soient mis en œuvre.

Mots-clés: Amapá; Quilombos; Programme Amapá Afro; Projet Amapá Quilombola.

## **Shared experiences: the experience of a researcher at the I Meeting of Quilombos in Amapá**

### **Abstract**

Experiencing the 1st Meeting of Quilombos held in the Rosa quilombo belonging to the municipality of Macapá was a historical, affective moment of experiential immersion in the practice of my writings in theory. The event was held on the 7th, 8th and 9th of November 2024. It was an experience of ancestral connection in which I was able to represent the research group Pesquisa Centro de Pesquisa sobre Cerâmica do Maruanum, Mulherismos, Decolonialidade and Ethnico-Racial Relations (CEMADERE) and Research Group De(s)colonizing female minds in Afro diasporic territories: collective construction of a new methodology from the Latin American Center for Cultural Studies (CLAEC). The theme of the 1st Meeting of Quilombos was Amapá Quilombola: development, ancestry, culturality, equity and rights. The methodology used was qualitative exploratory descriptive research of the participant observation type. The results of this research were to compose the Working Group together with representatives of the quilombola communities and Marabottom Foundation so that the Amapá Afro Program and Amapá Quilombola Project are implemented.

Keywords: Amapá; Quilombos; Amapá Afro Program; Amapá Quilombola Project.